

# O QUE SERÁ DO MUSEU DO CARNAVAL DE FLORIANÓPOLIS?

Rafael Muniz de Moura<sup>1</sup>

Elisiana Trilha Castro<sup>2</sup>

Lisandra Barbosa Macedo Pinheiro<sup>3</sup>

Alzemi Machado<sup>4</sup>

Fabiola Falconi Vieira<sup>5</sup>

Valdinei Marques<sup>6</sup>

Amanda Zuffo Nicoleit dos Santos<sup>7</sup>

Submetido em 12/07/2022  
Aceito em 19/07/2022

**RESUMO:** Este artigo narra em linhas gerais o percurso do Museu do Carnaval de Florianópolis, instituição pública criada pela Lei Municipal nº 4810 de 22 de dezembro de 1995, desde sua formação até o seu abandono e desmantelamento pelo poder público com base em fontes jornalísticas e entrevistas realizadas. Identifica elementos básicos da história das manifestações carnavalescas da cidade, entre práticas de bailes, blocos, cortejos e escolas de samba, com o intuito de demonstrar o valor cultural de tais expressões. Defende a recomposição do Museu e suas coleções evidenciando a importância da memória e do patrimônio do carnaval para o bem estar, a formação identitária e o exercício da cidadania da sociedade de Florianópolis, SC.

**PALAVRAS-CHAVE:** Museu do Carnaval de Florianópolis. Prefeitura Municipal de Florianópolis. Blocos de Rua. Escolas de Samba. Patrimônio Cultural.

## ¿QUÉ SERÁ DEL MUSEO DEL CARNAVAL DE FLORIANÓPOLIS?

**ABSTRACT:** Este artículo narra en líneas generales la trayectoria del Museo del Carnaval de Florianópolis, institución pública creada por la Ley Municipal nº 4810 de 22 de diciembre de 1995, desde su formación hasta su abandono y desmantelamiento por el poder público a partir de fuentes periodísticas y entrevistas realizadas. Identifica elementos básicos de la historia de los eventos carnavalescos en la ciudad, entre bailes, llamadas, procesiones y escuelas de samba, con el propósito de demostrar el valor cultural de estas expresiones. Defiende la recomposición del Museo y sus colecciones, destacando la importancia de la memoria y del patrimonio del Carnaval para el bienestar, para la formación de la identidad y para el ejercicio de la ciudadanía de la sociedad de Florianópolis, SC.

**KEYWORDS:** Museo del Carnaval de Florianópolis. Ayuntamiento de Florianópolis. Procesiones carnavalescas. Escuelas de samba. Patrimonio cultural.

<sup>1</sup> Bacharel em Museologia pela Unirio (2007) e graduando em Letras-Português pela UFSC (2016-) Técnico em Assuntos Culturais-Museologia no Museu Victor Meirelles/Ibram (Florianópolis, SC). Contato: rafaelmunizdemoura@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em História Social (UFSC), especialista em Patrimônio Cultural Funerário, presidente da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC). Contato: elisiana.castro@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Doutora em História (UDESC, 2018), Analista de Cultura na Gerência de Patrimônio Imaterial da Fundação Catarinense de Cultura. Contato: lisandramacedo@hotmail.com.

<sup>4</sup> Bibliotecário, Mestre em Educação e Cultura, Coordenador Técnico da Hemeroteca Digital Catarinense/Biblioteca Pública de Santa Catarina. Contato: alzemimachado@gmail.com.

<sup>5</sup> Doutoranda em História (UDESC), mestra em Ensino de História (UFSC, 2016) e graduada em História (UDESC, 2010). Professora de História na Escola de Ensino Básico Professora Laura Lima (Florianópolis, SC). Contato: fabiollafalconi@gmail.com.

<sup>6</sup> Arte educador, artista plástico, graduando em Gestão Ambiental, criador do Museu do Lixo de Florianópolis, Educador Ambiental da COMCAP – Secretaria do Meio Ambiente/Prefeitura Municipal de Florianópolis, SC. Contato: neiciclagem@hotmail.com.

<sup>7</sup> Licenciada em História (UDESC, 2019), mestranda em Design de Vestuário e Moda (UDESC). Diretora de Carnaval da escola de samba Embaixada Copa Lord (Florianópolis, SC). Contato: amandanicoleit@gmail.com.

## O QUE SERÁ DO MUSEU DO CARNAVAL DE FLORIANÓPOLIS?

### O percurso do Museu do Carnaval de Florianópolis

A Lei Municipal 4810 de 22 de dezembro de 1995<sup>8</sup> cria o Museu do Carnaval de Florianópolis como órgão vinculado à Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Esportes, dependente de suas dotações orçamentárias em rubrica própria. A lei prevê um museu especializado em fantasias, documentação e memória visual e sonora do Carnaval de Florianópolis, tendo como sede o Auditório do Portal Turístico, localizado próximo à ponte Hercílio Luz.



Figura 1 – O carnavalesco Dico junto à coleção do Museu do Carnaval

O acervo, formado em grande parte por fotografias históricas e fantasias de desfile e de concursos realizados em salões de clubes da cidade, foi organizado já nos anos seguintes à publicação da lei, em especial por doações realizadas pelos carnavalescos Oswaldo Gonçalves (conhecido como Dico – Figura 1), Carlos Magno

<sup>8</sup> Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/1995/481/4810/lei-ordinaria-n-4810-1995-cria-o-museu-do-carnaval-de-florianopolis-e-da-outras-providencias-1995-12-22-versao-compilada>

e Nilson Nelson Machado (famoso Duduco)<sup>9</sup>. O envolvimento dos carnavalescos para a formação do Museu do Carnaval de Florianópolis, artistas que detêm certo prestígio e status social nas escolas de samba, como responsáveis pelo desenvolvimento do enredo, pelo desenho das fantasias, pela concepção das alegorias e, ainda, a coordenação dos trabalhos no barracão, é significativa para pensarmos a circunscrição do projeto, que tinha como principal idealizador outro carnavalesco, o Luiz Carlos Sant'Anna.

Duas perguntas, em retrospectiva, orientam hoje as dúvidas sobre o então projeto da Prefeitura de Florianópolis: a vontade de memória sobre o carnaval se faz também como uma vontade de memória sobre si mesmos, individualizadas nos participantes do projeto, em que se registrem trajetórias pessoais na história do carnaval da cidade? Ou, ainda, haveria na comunidade do carnaval uma percepção de que a responsabilidade em salvaguardar sua história está diretamente relacionada a hierarquias institucionais, seja das escolas de samba ou do poder público? Acreditamos que tais questões apontem caminhos para que se possa compreender a descontinuidade do projeto do museu que, como pretende-se demonstrar, a tensão histórica entre poder público e as festas carnavalescas em Florianópolis conforma um complexo jogo de negociações e embates políticos.

Uma série de objetos (estandartes, troféus, desenhos e quadros e registros orais e visuais) constituíam o acervo do Museu, com destaque para o primeiro Estandarte da Sociedade Carnavalesca Tenentes do Diabo, de 1935, além de medalhas do campeonato de 1966 e o estatuto da agremiação. Um surdo datado de 1940, da Escola Protegidos da Princesa, e fotografias da Porta-bandeira Maria Cristina Figueiredo, a única que desfilou por todas as Escolas de Samba e obteve nota 10 em todos os desfiles, além de desenhos e croquis do artista e carnavalesco Carlos Magno, e a coroa e a fantasia do último desfile do rei momo Hilton Silva, o popular “Lagartixa”, que durante 56 anos comandou a folia carnavalesca, enriqueciam o acervo<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&uf=1&local=&emplate=3948.dwt&section=Blogs&post=207490&blog=583&coldir=1&topo=3994.dwt>

<sup>10</sup> AN Capital. Florianópolis, 21 de janeiro de 1996.

Aliás, “Lagartixa” empresta o nome ao Museu, e que contou com uma placa comemorativa de inauguração (figura 2) – que peregrinou por anos pela cidade em busca de casa para chamar de sua. Inicialmente no Portal Turístico (figuras 3 e 4), circulou pelo Teatro da Ubro, por uma exposição em homenagem aos 50 anos do carnavalesco Dico realizada no Museu Histórico de Santa Catarina, pela Casa de Câmara e Cadeia, onde ficou alguns meses em uma exposição sobre o Carnaval, e pela Câmara de Vereadores. Foi na Câmara de Vereadores que o acervo teve seu pior momento: como o local estava fechado, moradores de rua ocuparam o espaço para usar como moradia; o acervo sofreu com enorme desgaste pelas péssimas condições climáticas, pela sujeira de alimentos e até mesmo por dejetos humanos.



Figura 2: Placa confeccionada para a inauguração do Museu do Carnaval de Florianópolis

O acervo também chegou a ser exposto no templo maior das escolas de samba de Florianópolis, a Passarela do Samba Negro Quirido, em uma das salas anexas à Administração da Passarela. Ali as fantasias, troféus, estandartes e fotografias de diversos períodos do Carnaval de Florianópolis ficaram por pouco tempo acessíveis

ao público e, por iniciativa esporádica de ação cultural e formativa, um curso profissionalizante de restauro de fantasias chegou a ser ministrado no local.



Figura 3: Peças do Museu em exposição em sua sede no Portal Turístico (Reprodução ANCapital, 21.01.1996).



Figura 4: Uma das peças expostas no Museu: "As Fêmeas", de Dirce Ramos, que ganhou o 1º lugar no Baile Municipal do Clube 12 de Agosto, em 1994. (Reprodução ANCapital, 21.01.1996).

O destino seguinte do acervo foi o Museu do Lixo, espaço criado pela empresa Companhia de Melhoramentos da Capital – Comcap, autarquia da Prefeitura de Florianópolis responsável pela prestação de serviços de saneamento ambiental e gestão integrada de resíduos sólidos, que havia sido solicitada a realizar a limpeza da Câmara de Vereadores. O Museu do Lixo, instalado em 25 de setembro de 2003, tem como objetivo reforçar conteúdos socioambientais sobre hábitos e consumos da sociedade a partir de uma coleção formada por diferentes objetos descartados como lixo. Parece extremamente simbólica a passagem da coleção do Museu do Carnaval pelo Museu do Lixo: por que motivos seu destino seria justamente um museu cuja coleção é formada por itens recuperados do lixo? Há uma identificação entre as coleções pela ideia do descarte ou abandono? Ou há alguma identificação sobre o interessante trabalho que fazem os mediadores do Museu do Lixo de discussão sobre a categoria de patrimônio às avessas, estruturada por uma memória reavivada após o desejo de esquecimento da sociedade?

O fato é que em 2012 uma nova lei – Lei Municipal 8844 de 20 de janeiro de 2012<sup>11</sup> – suprime a finalidade original do Museu do Carnaval mudando a redação para “poderão ser expostas no Museu obras, fantasias e documentos relacionados aos festejos carnavalescos realizados no estado de Santa Catarina” e transfere o endereço de sua sede para as “dependências da Passarela do Samba Negro Quirido”.

Valdinei Marques, educador do Museu do Lixo, comenta em entrevista que o acervo foi coletado à época pelo vereador Thiago Silva e equipe para ser levada à Passarela do Samba. Responsável pela conservação do acervo por vários anos em sua estada no Museu do Lixo, Valdinei conta que muitos itens se perderam por deterioração, vários outros precisaram de grandes intervenções de higienização e que ainda hoje mantém duas fantasias, deixadas para trás naquele momento:

As fantasias vieram dentro de saco preto de lixo, vieram com lixo dentro, sujas, manequins todos desmontados, troféu, tudo sujo. (...) Passou um tempo, a gente começou a mostrar pras pessoas que o Museu do Lixo acabou adotando ou acolhendo o Museu do Carnaval.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2012/885/8844/lei-ordinaria-n-8844-2012-altera-a-lei-n-4810-de-1995-e-da-outras-providencias>

<sup>12</sup> Entrevista realizada em 19 de novembro de 2018.

De acordo com Valdinei, havia nesse momento o interesse na criação de uma Cidade do Samba junto à Passarela do Samba, aos moldes da que existe no Rio de Janeiro, que incluiria o Museu do Carnaval. No ano de 2015, Joel Costa Junior, presidente da Liga das Escolas de Samba de Florianópolis (Liesf) concede uma entrevista ao jornal Notícias do Dia demonstrando o interesse na possibilidade real de criação da Cidade do Samba. No entanto, mais alguns anos se passaram e nenhuma medida foi efetivamente implementada.

### **Dos cursos de Desterro aos carros de som de Florianópolis: Sociedades e Blocos configurando carnavais à antiga**

De acordo com Thais Colaço (1988), o Carnaval na então Desterro, em meados do século XIX, não passava despercebido pelo principal meio de comunicação na época – os jornais. Sendo sua principal fonte de pesquisa, Thaís discorre sobre como o Carnaval era noticiado e organizado. Mesmo sendo os jornais acessíveis apenas para as elites e comunidades letradas, os informes, responsáveis inclusive pela formação de opinião pública, defendia um carnaval politizado, sendo proibidas, portanto, quaisquer comportamentos que contrariavam a visão eurocentrada de civilidade e organização cultural das sociedades. Conforme salienta Débora Pires (2013), “Em Desterro, as elites consideravam que, para ser moderno, era preciso agir e consumir produtos culturais dos grandes centros da Europa”. Assim, entre a primeira e a segunda metade do século XIX se populariza o entrudo, que era dividido em duas partes: o entrudo familiar, que ocorria dentro das casas e entre familiares e amigos próximos, e o entrudo popular, que ocorria sobretudo entre a população de matriz africana que era, naquele período, escravizada. Por volta dos anos 1870 cresce a manifestação popular para substituição do Entrudo pelo Carnaval, que tinha como destaques as grandes sociedades, os cursos (cortejo com carros decorados, símbolo de modernidade e elitismo já no início do século XX), os bailes e as fantasias mais sofisticadas. Os jornais locais foram responsáveis por difundir a campanha. Ainda assim, o entrudo ainda se manteve, estando associado às manifestações do Zé Pereira e de pequenos blocos que desfilavam pelos principais pontos da cidade. Os limões de cheiro, as brincadeiras com água, lança-perfumes, foram divertimentos cada vez mais associados à população menos abastada e, por isso, de forma discriminatória, era tido como não-civilizado.

Por sua posição geográfica, Florianópolis ficava na rota de trânsito entre outras regiões e capitais, como Porto Alegre e a então capital do país, Rio de Janeiro, bem como países sul-americanos, como Argentina e Uruguai. Assim, o trânsito de pessoas, não só de outras regiões que chegavam até Florianópolis, como o movimento inverso, de artistas, músicos e outros profissionais que circulavam em outras regiões, permitiam o contato mais estreito com outras manifestações culturais. Já no início do século XX percebemos inovações tecnológicas que permitiram acesso mais rápido às notícias e comunicações, e assim, percebeu-se a influência e a popularização de gêneros musicais, moda, hábitos e as maneiras de “brincar carnaval”. Na primeira metade do século XX ainda temos os jornais como principais meios de comunicação. Neles, percebemos o aumento considerável de Blocos e Sociedades Carnavalescas que, no período de momo, eram destaques nas notícias de jornais como O Estado e a Gazeta. Assim, tomamos conhecimento, por exemplo, dos blocos mais populares entre as décadas de 30 e 40, como “Brinca quem Pode”, os “Bororós”, “Aí vem a Marinha”, entre outros. Também percebemos a presença de músicos militares (como a Banda da Polícia, que também animava a cidade com retretas com repertório de músicas populares de sucesso na época) nos blocos carnavalescos daquele período, graças às entrevistas concedidas para pesquisas, de compositores e baluartes do samba e do carnaval Florianopolitano, como Vidomar Carlos, Vicente Marinheiro e Josué Costa (MACEDO, 2011). Aliás, as experiências de vidas de personalidades ligadas ao carnaval da cidade, que nem sempre constam com destaque em jornais e periódicos elitistas, também compõem “outros cenários, outras vivências” que permitem entender a amplitude e a importância do Carnaval na vida e no cotidiano de muitas comunidades. Não à toa que muitas delas são homenageadas em Blocos como o Berbigão do Boca, que tem por destaque, a confecção de bonecos de personalidades carnavalescas já falecidas. Aldirio Simões, Nega Tide, Zininho, são apenas algumas personalidades que destacamos neste texto, homenageadas na forma de bonecos, que desfilam tradicionalmente na sexta-feira anterior ao final de semana consagrado à Momo.

A popularização dos blocos de sujeito colore a cidade, sobretudo na tarde de sábado de carnaval, tanto no centro da cidade como nos bairros e praias. Blocos brincantes, blocos afro, Blocos que tem a pretensão de se formarem escolas de samba, blocos familiares, se destacam nos dias de carnaval. E as particularidades

de um “Carnaval Florianopolitano”, digno de ser valorizado e preservado em espaços museológicos, também passam pelos festejos que conservam as tradições dos “joga n’água” e brincadeiras com limões de cheiro, característicos dos antigos Entrudos. Destacamos aqui o Bloco do Zé Pereira, tradicional no Ribeirão da Ilha, cuja banda ainda está ativa e, ainda que não tenha mais o mesmo apoio logístico do poder público, com relação à realização do Carnaval Zé Pereira no Ribeirão da Ilha, ainda sobrevive através de apresentações em outros eventos carnavalescos, até mesmo em outras cidades. A banda se destaca pela execução das antigas marchinhas, sempre procurando acompanhar as tendências musicais e canções que se destacam nos carnavais mais recentes. Ali, temos a presença de personalidades de destaque já há muitos anos da Banda, como o Sr. Dedinha (Arnoldo Feliciano), que sempre destaca as memórias dos carnavais no Ribeirão da Ilha. Aqui, voltamos a destacar a importância da oralidade contada por pessoas que viveram e vivem os processos históricos que compreendem a relevância do carnaval em suas vidas. Vide as experiências da senhora Valdeonira Silva dos Anjos<sup>13</sup>, professora, artesã e carnavalesca, cujas vivências e confundem com a história do carnaval de Florianópolis, e que, assim como tantas outras personalidades, também merece destaque e valorização de suas histórias e de seus registros documentais, midiáticos e iconográficos, que pode compor, a partir de seu consentimento, o acervo do Museu do Carnaval. Destaque, também, para os próprios periódicos, muitos deles encontrados virtualmente pela Hemeroteca Digital da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, bem como acervo fotográfico que se encontra em instituições municipais como a Casa da Memória de Florianópolis.

### **Escolas de Samba para além do desfile: sociabilidades, políticas e práticas culturais**

As áreas do Maciço do Morro da Cruz, que incluem o Morro do Monte Serrat e o Morro do Mocotó, começam a ser habitadas na primeira metade do século XX por uma camada social majoritariamente formada por negros descendentes de pessoas escravizadas, que atuavam no sistema artesanal e semi-industrial em

---

<sup>13</sup> Recentemente houve um projeto contemplado em Edital da Fundação Catarinense de Cultura, intitulado “Valdeonira: oitocentos carnavais”, que procura destacar aspectos da vida e das experiências carnavalescas desta personalidade que já se destaca como uma das mais importantes na valorização do carnaval Florianopolitano.

Florianópolis. Ambas comunidades receberam o afluxo de marinheiros advindos do Rio de Janeiro, removidos para o 5º Distrito Naval da Marinha, estabelecido por Decreto em 1942 e efetivamente instalado em Florianópolis em 1947<sup>14</sup>. Cristiana Tramonte comenta que o Carnaval em Florianópolis se desenvolve e se institucionaliza com a formação das primeiras escolas de samba, a Protegidos da Princesa em 1948 e a Embaixada Copa Lord em 1955, da união entre o samba produzido entre os negros pobres dos morros e a chegada de sambistas marinheiros cariocas, que trouxeram o modelo de desfile de enredo para Florianópolis<sup>15</sup>.

A formação das escolas de samba é simbólica para se pensar as negociações entre as comunidades e o poder público oficial deste período. Se na década de 1950 o Carnaval já reunia em Florianópolis múltiplas expressões de variados públicos e brincantes, em especial com os blocos carnavalescos de rua e os bailes das Grandes Sociedades (que já vinham comandando as folias de momo desde fins do séculos XIX na Ilha), reunindo gente de todas as camadas sociais, a marcada segregação étnica na cidade ainda mantinha – ou ainda mantém, considerando o postulado por Frederik Barth que “as fronteiras étnicas permanecem apesar das mobilidades”<sup>16</sup> – uma divisão não só geográfica, mas uma drástica divisão de acesso a direitos, incluindo o preconceito e o estigma da cultura do samba e do carnaval pelas comunidades negras e pobres.

Assim, as primeiras escolas de samba são fundadas e organizadas em um processo de aplanamento de diferenças entre brancos e negros em busca de aceitação social e política. O próprio nome da escola de samba Protegidos da Princesa, que nada tem de negro ou popular, revela a proteção (ou tutela) da cultura carnavalesca pelo poderio oficial ou sob suas bençãos reais. E o carnaval ganha desfiles ordenados, com enredos sob crivo oficial do estado, em que passa a atuar a disciplina e o controle sobre os brincantes, migrando da festa exusíaca das ruas para o espetáculo oxalufânico das escolas de samba<sup>17</sup>. No entanto, é neste movimento permanente de dilatação das fronteiras étnicas com os brancos que o

---

<sup>14</sup> Disponível em <https://www.marinha.mil.br/com5dn/historico>

<sup>15</sup> TRAMONTE, Cristiana. p. 78.

<sup>16</sup> BARTH, Frederik. Os grupos étnicos e suas fronteiras. 2000. p. 26.

<sup>17</sup> Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino no livro “Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas” (2018) um outro saber epistemológico, de base culturalista em perspectiva religiosa das “macumbas”, entre o que seria de ordem exusíaca (dionisíaca), de criação desregrada e embriaguez, e oxalufânica (apolínea), de retidão criadora com fundamento na ordem e nas regras. No entanto, percebem que não se estabelece uma contradição ou opostos, “pois Oxalufã pode ser exusíaco e Exu pode ser oxalufânico” (p. 115).

Carnaval, enquanto uma festa negra, religiosa e popular, tem nas escolas de samba uma nova forma de resistência.

### **Considerações finais**

Há 27 anos a sociedade florianopolitana viu nascer um projeto de Museu do Carnaval que, apesar da ausência de investimento e contínuos impasses para sua manutenção, movimentou as comunidades em torno da reunião de bens culturais cuja materialidade, historicidade e sentidos evocam histórias particulares ou coletivas da festa, amplificando a importância das memórias e dos patrimônios do carnaval. No entanto, os descasos impetrados ao longo desse período nos levam a crer que para o Poder Público o carnaval não se configura como manifestação cultural “legítima” ou que não possui valores que denotem sua relevância social e cultural a ponto de se manter um museu com essa temática.

Encontramos em pesquisas e em acervos, no entanto, fontes e documentos que provam o contrário. Assim como em outras capitais, que têm no Carnaval uma das principais manifestações culturais e destaque nas instâncias econômicas, turísticas, e até mesmo políticas, Florianópolis mostra, ao longo de seus processos históricos, a presença de manifestações carnavalescas e personalidades que, por si somente, contrariam as visões reducionistas e elitistas que delegam às culturas populares papel secundário na formação, difusão e valorização das culturas da região sul.

É diante de um museu já inexistente – sem lugar e sem acervo, marcado pela ausência de pensamento crítico e reflexão – que se faz necessário recuperar as energias e reconstruir as bases para a efetiva institucionalização de um lugar de memória destinado ao saber-fazer do carnaval, que tantas e permanentes disputas enfrenta para seguir existindo. O atual destino do Museu do Carnaval de Florianópolis se soma ao triste enredo dos apagamentos culturais, contra o qual todas as festas, desfiles, cortejos e batuques de momo se endereçam e buscam evitar.

Enquanto perduram a indecisão e o desconhecimento das diferentes gestões da Prefeitura Municipal de Florianópolis eleitas ao longo dessas quase 3 décadas, a comunidade do Carnaval vem se movimentando em torno de projetos de memória altamente importantes para a manutenção e transmissão de suas práticas

culturais, porém ainda incipientes ou quase sempre descontinuados, pois não encontram apoio ou recursos destinados por demais organizações, como o Projeto Caeira 21<sup>18</sup> e o Projeto Samba de Terreiro<sup>19</sup>.

Os patrimônios articulados tanto pelo extinto Museu do Carnaval quanto por esses e outros diferentes projetos de memória desvelam as tensões existentes em torno das festas carnavalescas, que se alocam nas disputas históricas (sim, de base social e racial) numa tendência de atravessamentos fronteiriços. O carnaval em Florianópolis, no entanto, não evidencia uma luta de contrários, tampouco um amálgama fluido e etéreo de misturas culturais: torna-se imprescindível que sejam percebidas as identidades culturais a partir de movimentos diacrônicos na história para melhor compreender as relações interétnicas em curso<sup>20</sup>. Portanto, um museu dedicado a investigar permanentemente os processos que alimentam o fazer cultural e suas dinâmicas estabelecidas entre diferentes setores da sociedade se torna urgente e indispensável para uma sociedade viva, consciente e ativa no reconhecimento e valorização de suas próprias manifestações culturais.

## REFERÊNCIAS

COLAÇO, Thais Luzia. **O Carnaval em Desterro (Século XIX)**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas, Florianópolis, 1988.

GOLDMAN, Marcio. “Quinhentos anos de contato”: por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem. *Revista MANA*. 2015, v. 21, n. 3, p. 652.

LEITE, Willian Tadeu Melcher Jankovski. **“Na tela da tv, no meio desse povo”**: os desfiles das escolas de samba de Florianópolis no mercado de bens simbólicos. 2016.

---

<sup>18</sup> Projeto de Inclusão Social criado em 1989 pela Arte Educadora Graça Carneiro. O Caeira 21 desenvolveu até 2014 diversas oficinas artísticas, culturais e esportivas com crianças, jovens e adultos, com base no conhecimento proporcionado pelos enredos e narrativas carnavalescas das escolas de samba.

<sup>19</sup> O projeto Samba de Terreiro objetiva a preservação dessa manifestação cultural nascida nos terreiros, quintais de casa e das escolas de samba, e registrada principalmente em obras das décadas de 1930 a 1960. Vem realizando desde 2017 encontros entre sambistas da cidade para tocar e cantar sambas históricos e conversar sobre suas características musicais e contextos sociais de produção.

<sup>20</sup> GOLDMAN, Marcio. **“Quinhentos anos de contato”**: por uma teoria etnográfica da (contra)mestiçagem. *Revista MANA*. 2015, v. 21, n. 3, p. 652.

Dissertação (Mestrado em História)– Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MACEDO, Lisandra Barbosa. **TRADIÇÃO X INOVAÇÃO: patrimônio cultural e memória através dos repertórios musicais do carnaval Zé Pereira em Florianópolis**<em>TRADITION X INNOVATION: memory and cultural heritage through musical repertoires in Zé Pereira Carnival in Florianópolis</em>. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 230 - 240, 2011. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180303022011230>. Acesso em: 15 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. **Ginga, Catarina: manifestações do samba em Florianópolis na década de 1930**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina.

PIRES, Débora Costa. **O carnaval e o entrudo na imprensa de Desterro durante o Império**. Comunicação - XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, Natal, 2013

RASCHE, Karla Leandro. **“Divertem-se então à sua maneira”**: festas e morte na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Florianópolis (1888 a 1940). 2013. 228 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2013.

RIBEIRO, Bertha G.; VELTHEM, Lucia H. van. **Coleções etnográficas**: documentos materiais para a história indígena e a etnologia. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Acendendo velas**: o exusíaco e o oxalufânico. In: \_\_\_\_\_. Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018. p. 113-119.

TRAMONTE, Cristiana. **A pedagogia das escolas de samba de Florianópolis**: a construção da hegemonia cultural através da organização do Carnaval. 1995. 301 f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

### **Sites consultados**

<http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/comcap/index.php>

<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&uf=1&local=&template=3948.dwt&section=Blogs&post=207490&blog=583&coldir=1&topo=3994.dwt>

<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp>

<https://www.marinha.mil.br/com5dn/historico>

<http://www.acammocoto.org.br/sobre-a-acam/a-comunidade.html>